

**DOS DIÁRIOS DE PAPEL PARA O ESPAÇO VIRTUAL: UM ESTUDO  
SOBRE O BLOG JOVENS DIPLOMATAS**

**Ingrid Baquit<sup>1</sup>**

**Resumo:**

Com o surgimento das mídias digitais, o dever do diplomata de passar informação para o governo de seu país expande-se para alcançar também a sociedade. Um exemplo desse trabalho é o blog *Jovens Diplomatas*, criado por profissionais recém-formados pelo Instituto Rio Branco. O artigo em questão procura entender como as mudanças das esferas pública e privada trouxeram a escrita íntima, característica dos diários de papel, para o meio digital através das plataformas chamadas de blog. Para tanto, usaremos os conceitos de público e privado apresentados por Arendt (2007), o contexto da sociedade líquida de Bauman (2001) e a ideia do blog como meio de disponibilização de textos e fotos na web de forma simples e rápida por Schittine (2004).

**Palavras-chave:** Blog. Diário. Diplomacia. Modernidade Líquida. Público x privado.

A caligrafia entrega as sensações guardadas pelas páginas do caderno. Aparece bem desenhada quando a autora cuidadosa pretende guardar os acontecimentos com carinho. Ou pode vir meio torta, como as situações tortuosas que mais precisam ser registradas que refletidas e lembradas. Pode até ser meio desleixada, por pressa ou por desinteresse. O dono de um diário de papel não precisa se preocupar em apresentar uma letra bonita. Afinal, só ele está destinado a lê-lo e ninguém mais precisa entender o que está escrito.

Hoje, as folhas levemente amareladas, as embalagens de chocolate e os cartões postais foram substituídos por imagens em jpeg e templates que oscilam entre padronizados e personalizados. Os caracteres, não mais escritos à mão, são disponibilizados em diversos tipos de fonte pelo computador. E a característica que talvez seja a mais importante, a atividade antes solitária ganha companheiros. São os leitores. E no caso do nosso objeto de estudo, ganham outros autores.

---

<sup>1</sup> Mestranda no programa de Pós-Graduação da Faculdade Cásper Líbero. Email: [ingridbaquit@gmail.com](mailto:ingridbaquit@gmail.com)

“À materialidade áspera e tangível da folha de papel, do caderno, da tinta, das capas duras e do envelope, opõe-se a etérea virtualidade dos dados eletrônicos. Mesmo dependendo de uma pesada – e custosa – parafernália maquina ligada na tomada, após digitarmos no teclado os signos se propagam na magia etérea dos impulsos elétricos e passam a brilhar na tela do monitor. Convertem-se em pura luz intangível, algo que aparenta não possuir qualquer consistência material”. (SIBILIA, 2008, p. 37). Mas os detentores da aura sagrada indicada por Benjamin continua com os diários de papel e as cartas. São autênticos e não podem ser copiados por meios técnicos. Sibilia acredita que os diários eletrônicos tentam resgatar essa aura.

Este trabalho pretende trabalhar a passagem do diário – antes exclusivo da esfera privada, até mesmo íntima – para o meio virtual, também conhecido como blog. No que concerne ao estudo da passagem do diário de caráter privado para meio público, trabalharemos com os conceitos de público e privado por Arendt (2007) – em que um fato só passa a ser real quando é tornado público – e sobre o conceito da “modernidade líquida” de Bauman (2001), em que o indivíduo por viver em um contexto volátil e cheio de incertezas, busca sua afirmação no espaço social através da existência na esfera pública. Mesmo sendo proposto para a esfera física, em que as pessoas tornavam fatos públicos em ambientes como as praças na antiga Grécia, usaremos a ideia de Arendt para estudar o contexto atual, em que uma informação precisa estar publicada no meio virtual para ganhar veracidade.

## **Do diário de papel ao virtual**

Os diários manuscritos não permitem leituras rápidas. É preciso absorver a caligrafia, os sentimentos expressos na folha de papel e a particularidade da escrita com suas abreviações esporádicas e expressões linguísticas únicas. Também vale ressaltar a

necessidade da imaginação para suprir a falta de contextualização das histórias ali escritas. Como os textos não são escritos para outros lerem e compreenderem, é comum não encontrarmos muitas informações sobre o ambiente e o momento histórico vivido, referências às pessoas citadas e mais detalhes da personalidade de quem está escrevendo. Essas características apontadas podem ser as mais relevantes para diferenciar o papel do virtual.

Enquanto o diário de papel dispensa apresentações, os textos publicados na internet trazem informações mais aprofundadas sobre os personagens, lugares e situações vividas. O fato de ser escrito para que outros leiam e se identifiquem torna necessário uma contextualização mais rica e detalhada. Como os posts são frequentes e os leitores normalmente são assíduos, essas informações são apresentadas uma vez, ficando subentendidas nas postagens seguintes. O arquivo virtual do blog, disponível para os leitores, fica no canto da página e permite que sejam resgatados os assuntos que precisam ser relidos no momento em que for mais conveniente.

Mas apesar de seu caráter privativo, os diários são democráticos. Qualquer pessoa pode ter um. Basta papel e caneta. Essa acessibilidade também continua no meio eletrônico. Só é preciso de acesso à internet e uma conta no blog de sua preferência. O diário, tanto de papel quanto o virtual, não demanda uma escrita específica ou uma estética estilística.

A passagem do tradicional suporte de papel e tinta para a tela eletrônica não é a única mudança. A subjetividade construída nos gêneros autobiográficos também se modificam: especialmente a ênfase no personagem e não mais no narrador. Já que muitos dos sujeitos dos relatos online se definem como “alguém que é”. A preocupação em externalizar sentimentos é característica desse novo momento, em que se perde a viagem do autor para dentro de si. (SIBILIA, 2008). Diferenças meramente quantitativas, como o tamanho dos textos e a atualização diferenciada são suficientes para separar uma escrita da outra? Sibilía (2008) acredita que a nova forma produzida pela lógica da velocidade e do

instantâneo presente nas tecnologias informáticas e das telecomunicações sugere mudanças profundas “na experiência cotidiana, na construção das subjetividades e nos relacionamentos sociais e afetivos, permitindo um abismo qualitativo entre dois universos distantes. (SIBILIA, 2008, p.58).

O termo “weblog” foi primeiramente usado por Jorn Barger, em 1997, para se referir a um conjunto de sites que divulgavam links interessantes na web. Daí o termo “web” + “log” (que é a junção das palavras “página da internet” e “diário de bordo”), que foi usado por Barger para descrever a atividade de “logging the web”. Naquela época, os weblogs eram poucos e quase nada diferenciados de um site comum na web. Alguns pesquisadores defendem que os blogs começaram a se destacar como relevantes e como fonte de conteúdo em 2001, principalmente com os atentados terroristas às Torres Gêmeas do World Trade Center em 11 de setembro. Alguns autores definem blogs como websites freqüentemente atualizados onde o conteúdo (texto, fotos, arquivos de som etc.) é postado em uma base regular e posicionado em ordem cronológica reversa. Os leitores quase sempre possuem a opção de comentar em qualquer postagem individual, que são identificados com uma URL única.

De acordo com Schittine (2004), o blog também surgiu como um meio de disponibilização de textos e fotos na web mais simples e rápida, facilitando a fabricação de páginas por indivíduos com pouco conhecimento teórico. Esse é um dos diferenciais mais importantes para a construção do blog Jovens Diplomatas, a praticidade e a possibilidade de poder postar e editar suas matérias no tempo livre. Já que o trabalho oficial existe uma maior demanda. Mas o texto curto e rápido nem sempre está presente. Muitas vezes, o tamanho ilimitado dos posts em contrapartida da quantidade definida de caracteres dos meios escritos e o tempo delimitado dos meios audiovisuais é mais interessante para profissionais que não estão acostumados com o processo de edição jornalística e com o

desejo de informar o quanto necessário. De acordo com Schittine (2004), o texto do blog é híbrido, uma mistura de texto jornalístico e escrito íntimo.

Para a autora, o diário na internet vem a princípio assumir “o pecado da vaidade no escrito íntimo”. Ou seja, uma prova de que o diarista mesmo ao falar sobre si mesmo espera que outras pessoas se interessem pelo assunto. Como já explicitado anteriormente, a noção de intimidade do termo log vem do fato dos blogueiros publicarem assuntos pessoais e pertencentes à esfera privada, enquanto o aspecto público está do fato de querer ser lido, reconhecido. E com uma diferença importante: as interações não são face a face, evitando possíveis constrangimentos e podendo ser desconectadas em segundos. É possível se expor sem se identificar, saber da opinião do outro sem contato direto. Cabe ao diarista abrir um escrito íntimo para um ou vários leitores. Essa ação cria uma nova tensão entre os assuntos públicos e privados, além de novos questionamentos sobre a organização dessas esferas. (SCHITTINE, 2004).

## **Esfera pública x esfera privada**

Para Arendt (2007), o indivíduo pode buscar seu reflexo no universal ao desenvolver algo que encontre respaldo na esfera pública. A autora explica que não seria possível a vida humana sem um mundo em que haja a presença de outros seres humanos. Elaborado pelo pensamento grego, surge a ideia de que o homem está dividido entre a casa e a política. A primeira seria seu lado íntimo. Já a seguinte confere ao homem um novo âmbito existencial, sua esfera pública. Ou seja, na ambivalência do indivíduo grego entre a política e o domínio familiar está a distinção entre o público e o privado.

Um fato importante levantado por Arendt (2007) é a possibilidade de que o surgimento do estado-nação e da esfera pública tenha acontecido às custas da esfera privada. Ao contrário da Grécia Antiga, onde as atividades econômicas eram tratadas na esfera privada, no mundo moderno elas fazem parte da esfera pública. Isso demonstra como

o privado passou a ser objeto de preocupação pública. Na era moderna, o entrecruzamento das esferas acabou com o abismo que havia entre elas, onde o indivíduo saltava da esfera privada para surgir na pública, com um simples passo. O privado busca seu reflexo no público, ou, ainda, particulariza-se e busca encontrar reflexo no universal.

Tudo que aparece em público pode ser visto e ouvido por todos, tendo a publicidade mais ampla possível. A força do público é tamanha que, para a autora, a incerteza só se desfaz com o conhecimento do objeto na esfera pública. Esta talvez seja a característica que faz do homem um ser que vive eminentemente entre outros: sua necessidade de encontrar, na forma das relações presentes no meio público, analogias quanto à sua própria forma de atuar. A esfera pública é, por assim dizer, o ponto múltiplo de encontro das diferentes singularidades e particularidades, tão variado e intenso que não há de se falar em média.

A vida privada é aquela desprovida da realidade de ouvir e ser ouvido, de ver e de ser visto. O homem que se priva de relações ‘objetivas’ forma o fenômeno da solidão, que, em aumentando seus adeptos, são geradas consequências destrutivas, tanto na esfera pública, quanto na privada. O indivíduo, não obstante, vai perdendo seu lugar no mundo e na sua casa. A esfera privada, que, por tanto tempo, protegera a intimidade, não mais o faz, agora que, na modernidade, esta já foi descoberta e trazida à tona da subjetividade inerente do indivíduo.

Apesar de suas semelhanças, o ponto fundamental para diferenciar o diário de papel para o virtual (também chamado de blog) seja as alterações nas esferas pública e privada na sociedade. Para Arendt:

a distinção entre uma esfera de vida privada e uma esfera de vida pública como entidades diferentes e separadas, pelo menos desde o surgimento da antiga cidade-estado; mas a ascendência da esfera social, que não era privada nem pública no sentido restrito do termo, é um fenômeno relativamente novo, cuja origem coincidiu com o surgimento da era moderna e que encontrou sua forma política no estado nacional. (ARENDDT, 2007, p.37)

A autora diz ainda que o que nos interessa neste contexto é a extraordinária dificuldade que, devido a esse fato novo, experimentamos em compreender a divisão decisiva entre as esferas pública e privada, entre a esfera da polis e a esfera da família, e finalmente entre as atividades pertinentes a um mundo comum e aquelas pertinentes à manutenção da vida, divisão esta na qual se baseava todo o antigo pensamento político, que a via como axiomática e evidente por si mesma. a passagem da sociedade – a acensão da administração caseira, de suas atividades, seus problemas e recursos organizacionais – do sombrio interior do lar para a luz da esfera pública não apenas diluiu a antiga divisão entre o privado e o político, mas também alterou o significado dos dois termos e a sua importância para a vida do indivíduo e do cidadão, ao ponto de torná-los quase irreconhecíveis.

Schittine explica que essa tendência de exposição da vida privada observada atualmente na mídia é fruto de uma série de fatores históricos “como a formação da individualidade, o afastamento dos indivíduos da vida social e sua posterior necessidade de se reintegrar nessa vida, nem que seja de maneira virtual” (SCHITTINE, 2004, p.16). O indivíduo, assim, busca delimitar seu próprio espaço numa tentativa de voltar-se para si mesmo. O computador, apesar de ser um meio de comunicação, contribui para o isolamento pois é feito por ser usado por uma pessoa por vez. O resultado é a possibilidade de se fechar do mundo que o cerca para se abrir ao plano virtual.

A preservação da memória também é um dos interesses dos blogueiros. Seja para a memória pessoal, seja para deixar um legado que faça o público lembrar-se dele. “O escrito íntimo vai garantir também a memória do diarista sobre sua trajetória, os fatos que aconteceram na sua vida e as ideias que desenvolveu em uma determinada época. Ele dará o apoio para que, pelo menos através da escrita, o autor se sinta próximo da imortalidade” (SCHITTINE, 2004, p.21). E vai além, pois no escrito virtual, três situações contribuem

para a dificuldade de permanência de uma memória pessoal: a reflexão, a releitura e as alterações feitas posteriormente pelo diarista.

Sibilia (2008) também traz o debate sobre as mudanças das esferas pública e privada na arte de escrever ao explicar que a separação entre os âmbitos público e privado da existência é uma invenção histórica e datada, uma convenção que em outras culturas não existe ou se configura de outras formas. Foi o canto privado, o aposento íntimo da casa, que apareceu no século XVIII que tornou possível o aflorar da subjetividade na escrita. Era o espaço silencioso e privativo que despertava o sujeito a auto-afirmar sua individualidade e, então, produzir sua própria subjetividade. Para o escrito íntimo, como o do diário, era necessário a solidão do autor. Não que as novas formas virtuais dessa escrita deixaram de ser, mas a publicidade que está por trás delas e o encurtamento da distância espacial e temporal com relação aos leitores permite uma nova classificação.

Inclusive entre nós, essa distinção é bastante recente: a esfera da privacidade só ganhou consistência na Europa dos séculos XVIII e XIX, ecoando o desenvolvimento das sociedades industriais modernas e o modo de vida urbano. Foi precisamente nessa época que um certo espaço de refúgio para o indivíduo e a família nuclear começou a ser criado, no seio do mundo burguês, fornecendo a esses novos sujeitos aquilo que tanto almejavam: um território a salvo das exigências e dos perigos do meio público, aquele espaço “exterior” que começava a ganhar um tom cada vez mais ameaçador. (SIBILIA, 2008, p.60).

Alguns fatores são levantados pela autora como estímulos para essa mudança a instituição do núcleo familiar burguês, a separação entre o espaço-tempo do trabalho e o da vida cotidiana, os novos ideais de domesticidade, conforto e intimidade, além da supervalorização do “eu”.

## **Tempos líquidos**

As pessoas são atormentadas pela questão da identidade. Na sociedade líquido-moderna, elas são estão disponíveis para venda e podem ser descartadas e modificadas constantemente. Nessa vida fluida, a maior dificuldade é agarrar-se a uma única identidade

e manter suas partes coesas mesmo enquanto se enfrentam as “forças erosivas e as pressões dilaceradoras” de caráter individualista e de resultados a curto prazo (BAUMAN, 2009). É a velocidade e não mais a durabilidade que importa.

Os blogs, essa espécie de diário do meio virtual, são um exemplo da mudança que passa a sociedade. Atualizados diariamente e para um certo número de leitores muitas vezes desconhecidos, suas postagens permitem que seus autores criem identidades de acordo com seu interesse, seu humor e seu desejo de que imagem querem passar para os demais. A instantaneidade com que um texto pode ser publicado ou apagado também é um atrativo. A função de memória foi transferida para o computador, onde é possível resgatar as histórias apenas quando conveniente e podem ser descartadas de vez com apenas um clique.

De acordo com Bauman (2009), nessa sociedade de indivíduos, ser um é ser igual a todos no grupo. Usamos os mesmos códigos, seguimos a mesma estratégia de vida e usamos símbolos comuns. Nossa individualidade tem que ser buscada no interior de nós mesmos. Um exemplo são nossos sentimentos, que são pessoais e intransferíveis.

Eugène Enriquez (apud BAUMAN, 2008) resume a mensagem do mundo líquido-moderno dos consumidores com as seguintes palavras:

Desde que não se esqueça que o que antes era invisível – a parcela de intimidade, a vida interior de cada pessoa – agora deve ser exposto no palco público (principalmente nas telas de TV, mas também na ribalta literária), vai-se compreender que aqueles que zelam por sua invisibilidade tendem a ser rejeitados, colocados de lado ou considerados suspeitos de um crime. A nudez física, social e psíquica está na ordem do dia (ENRIQUEZ apud BAUMAN, 2008, p. 9).

Ou seja, as várias pessoas – em sua maioria adolescentes e jovens adultos – que andam equipadas com aparelhos eletrônicos portáteis que mais servem como confessionários é um exemplo de cidadãos tentando adaptar-se a uma sociedade “confessional”. Nela, se desfaz a fronteira entre o público e o privado ao transformar o “ato de expor publicamente o privado numa virtude e num dever públicos, e por afastar da

comunicação pública qualquer coisa que resista a ser reduzida a confidências privadas, assim como aqueles que se recusam a confidenciá-las” (BAUMAN, 2008).

O ritual da confissão nasceu no âmbito eclesiástico no início do século XII e logo foi apropriado por outros campos da atividade humana para produzir verdades sobre os sujeitos. Era uma técnica privilegiada que passou a ser usada não só nos confessionários das igrejas, mas na medicina, nas relações familiares, na justiça para citar algumas. Como levanta Sibilia, trata-se de um “formidável mecanismo de sujeição dos homens, tendente à sua construção como sujeitos compatíveis com um determinado projeto histórico de sociedade”. (SIBILIA, 2008, p.72). Hoje, a confissão está presente também nas telas midiáticas. Sem deixar de lado o âmbito seguro da intimidade, as tiranias atuais deixam de lado o pudor e ultrapassam as barreiras que protegiam o privado. Independente que quantos espectadores ou leitores recebem os autores da web 2.0, a ideia de se sentir no direito de ter audiência é o que os move.

## **Blog Jovens Diplomatas**

As relações internacionais e diplomáticas há muito tempo fascinam o ser humano. O interesse pelo novo e pelo diferente sempre acompanhou nossa caminhada, e tentar compreender o que acontece em outros países, em especial os mais distantes a respeito dos quais temos pouca informação, e sobre os mais próximos de nosso interesse, é uma das principais motivações que nos levam a buscar mais informações nesse campo. É nesse contexto que entra o diplomata ao apresentar-se como um profissional com função informativa. E, com o surgimento das mídias digitais, seu dever de passar informação para o Governo de seu país expande-se para alcançar também a sociedade. Um exemplo desse trabalho de divulgação é o blog *Jovens Diplomatas*.

Criado em 2011 por cerca de 15 diplomatas recém-formados pelo Instituto Rio Branco, o blog é escrito coletivamente por 25 jovens profissionais brasileiros em suas

primeiras missões no Exterior: “Servimos, todos, em países em desenvolvimento, em lugares tão díspares quanto o Kuwait e o Sudão, a Ucrânia e a Etiópia, o Paquistão e o Congo”. Mesmo sendo produzido por profissionais do Governo, o blog foge da esfera política e do compromisso oficial com os assuntos provenientes do Ministério das Relações Exteriores.

É um espaço para a discussão de temas cotidianos e de caráter cultural, como as impressões de um passeio por Wagah, a cidade que divide a Índia e o Paquistão, vivenciado por um diplomata brasileiro. A linguagem, de caráter mais informal e subjetivo, também reforça esse lado contador de histórias intrínseco do ser humano. Mas por se tratarem de profissionais públicos, é importante ressaltar que a iniciativa foi avaliada pela Assessoria de Imprensa do Itamaraty ainda antes de seu lançamento. Abaixo, um trecho de uma publicação de Thomaz Napoleão sobre sua experiência no Paquistão:

Nestes tempos de instabilidade, intolerância e incompreensão entre crenças e culturas, retomo este espaço para contar a história de um Paquistão muito diferente daquele lamuriado pela imprensa ocidental. Refiro-me ao Norte. O Karakoram. As montanhas. Outras gentes, outros idiomas, outras paisagens, outras vidas. Estamos no território do Gilgit-Baltistão, reivindicado pela Índia mas governado pelo Paquistão. Aliás, governado por si mesmo: até trinta anos atrás, a autoridade dos paquistaneses das planícies praticamente não roçava esta terra de cordilheiras.<sup>2</sup>

O blog como meio de disponibilização de textos e fotos na web mais simples e rápida, facilitando a fabricação de páginas por indivíduos com pouco conhecimento teórico proposto por Schittine (2004) é um dos diferenciais mais importantes para a construção do blog *Jovens Diplomatas*, a praticidade e a possibilidade de poder postar e editar suas matérias no tempo livre, já que o trabalho oficial existe uma maior demanda.

---

<sup>2</sup> Disponível em: <<http://jovensdiplomatas.wordpress.com/2012/10/04/o-outro-paquista/>>. Acesso em: 10. Jul 2014

## Considerações finais

Apesar de seu caráter aberto, o blog não é tão público como se pensa. Mesmo escrevendo para pessoas além de si mesmo – muitas vezes para leitores desconhecidos pessoalmente –, o diarista virtual cria maneiras de fazer com que os internautas participem ou não de sua vida íntima. É possível fazer uma seleção prévia do conteúdo a ser publicado de modo que nem tudo é revelado. Além disso, o autor conta sua intimidade do modo que acha mais conveniente, podendo medir palavras e acontecimentos. E também existe outro fator. Graças às ferramentas de privacidade, ainda é possível escolher o grupo de pessoas que terão acesso às informações postadas. Ou seja, o blog não é tão público assim.

Esse caráter heterogêneo, como já explicou Schittine (2004), é próprio de sua denominação (weblog = um diário (privado) em uma página da web (pública)). Apesar da discussão, tem seu valor documental, e nos permite saber mais sobre uma época, uma pessoa ou uma situação. O blog Jovens Diplomatas foi escolhido para estudo neste artigo por seu caráter social, pois os diplomatas cumprem a função de informação ao publicarem os assuntos internacionais para os demais cidadãos, e íntimo. É um produto que trabalha a subjetividade dos autores, o olhar particular sobre os assuntos, o modo pessoal de contar a história. Assim como é necessário divulgar informações, também faz parte a seleção – mesmo que subjetiva ou inconsciente – delas. O que vai ser contado deve interessar ao autor e ao leitor.

Pois como já dizia Pierre Bordieu (citado por Bauman em sua obra “Vida para consumo, 2008, p.7): “Talvez não exista pior privação, pior carência, que a dos perdedores na luta simbólica por reconhecimento, por acesso a uma existência socialmente reconhecida, em suma, por humanidade. Esses “confessionários eletrônicos portáteis” são as ferramentas nas quais jovens e adultos se fazem pertencentes a uma sociedade em que a exposição de um fato privado torna-se uma virtude e um dever público. Faz parte aquele

# 10<sup>o</sup> interprogramas de **mestrado** FACULDADE CÁSPER LÍBERO

que compartilha. Sofre ostracismo aquele que prefere guardar para si mesmo. Apesar dessa valorização da exposição, Arendt (2007) defende que existem coisas que têm a necessidade de serem reservadas e outras que precisam ser públicas. Ou seja, precisamos viver em equilíbrio e respeitar a esfera destinada para cada ação e situação humanas.

## Referências

- ARENDR, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Ed Forense Universitária, 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Ed Zahar, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Ed Zahar, 2009.
- \_\_\_\_\_. **Vida para consumo**. Rio de Janeiro: Ed Zahar, 2008.
- DIPLOMATAS, Jovens. Disponível em: <jovensdiplomatas.wordpress.com>. Acesso em: 10. jul 2014
- SCHITTINE, Denise. **Blog: Comunicação e escrita íntima na internet**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2004.
- SIBILIA, Paula. **O show do eu: A intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 2008.